

# REGISTROS DO PASSADO

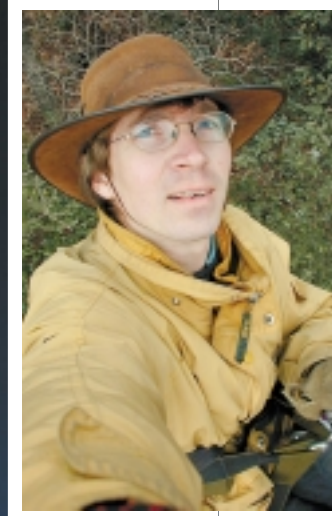
**Os caminhos percorridos por Jérôme Hutin, um fotógrafo francês que visitou vários continentes em busca das mais antigas árvores do planeta**

MELISSA KECHICHIAN

África do Sul, Alemanha, Austrália, China, Estados Unidos, Índia e Japão. A lista de países é, na verdade, apenas uma pequena parte do roteiro percorrido por Jérôme Hutin, um fotógrafo francês que rodou o mundo em busca de imagens das mais antigas árvores do planeta. Com suas inseparáveis câmeras Linhof, Hasselband e Contax, ele já fotografou centenas de espécimes ameaçados, como, por exemplo, o pínus Mathusalém, localizado na Califórnia (EUA) e considerado por especialistas a árvore mais antiga do mundo, com quase 5 mil anos. Apaixonado pela natureza desde pequeno, Hutin afirma que o objetivo do seu trabalho vai além do simples ato de registrar as árvores raras. “Quero conscientizar as pessoas sobre a importância de se proteger o meio ambiente e sensibilizar as autoridades para que esses espécimes sejam classificados como Patrimônio Natural Mundial e, assim, protegidos.”

Nesta entrevista concedida à revista FRANÇA-BRASIL, ele fala sobre suas peregrinações ao redor do mundo, que resultaram na publicação de um livro (*Les Arbres Vénérables*, editora JC Lattés, 224 págs.), os exemplares mais raros já registrados, sobre a vontade de conhecer a Floresta Amazônica e as dificuldades de se conseguir patrocínio para as suas aventuras.

Fotos: Jérôme Hutin



(Da esq. p/ a dir.):  
Pinheiro de Britlecone,  
localizado na  
Califórnia; e Jérôme  
Hutin, durante  
viagem ao Japão

**FRANÇA-BRASIL – Desde quando você se dedica a fotografar árvores raras e centenárias e de que forma o seu trabalho ajuda a preservar o meio ambiente?**

**Jérôme Hutin** – Desde bem jovem, eu já tinha vontade de viajar pelo mundo, de conhecer novas pessoas. Em 1989, influenciado pela Association Matusalem Dordogne, uma instituição francesa de proteção ambiental, decidi sair em busca das velhas árvores da França. Fotografar os exemplares descobertos foi a maneira que encontrei para sensibilizar as pessoas sobre a necessidade de classificar essas árvores como Patrimônios Naturais Mundiais.

**FB – Como é feito o trabalho de pesquisa para descobrir os espécimes ameaçados e os mais antigos? E como você chega aos países onde eles estão localizados? Conta com o apoio do governo, de doações?**

**JH** – Em primeiro lugar, foi preciso encontrar cientistas e especialistas em botânica e até mesmo escritores especializados nessa área. E isso leva tempo. As pesquisas são feitas em livrarias, na internet e em uni-

versidades. O “círculo” dos conhecedores das árvores é bastante fechado, sobretudo na França. Então, é compreensível que os espécimes não sejam suficientemente protegidos. Foi difícil para mim, que não sou um especialista em botânica, ser admitido nesse “círculo das árvores” – um círculo virtual, é claro. Eu precisei escolher: ou fazia apenas fotos ou, então, procurava conhecer melhor os antigos exemplares, sua história e ecossistema. Então, resolvi reunir as duas coisas. Além dessas questões, é preciso procurar patrocinadores. Sobretudo, nunca dar ouvidos – ou, pelo menos, não dar totalmente ouvidos – à sua família, que vai lhe dizer que você não passa de um sonhador. Achar patrocinadores pode, muitas vezes, levar anos. No meu caso, pude contar com a ajuda da Total [*a antiga Elf*], da Fujifilm, do Pierre Peugeot, da Japan Airlines e da Air New Zealand.

**FB – Com a ajuda desses patrocinadores você partiu para onde?**

**JH** – Quando consegui reunir algum dinheiro em 1998 e, sobretudo, depois que assinei o contrato com a editora JC Lattés, responsável pela

publicação do meu livro (*veja caixa pág. 30*), parti para uma longa viagem, tendo em mãos uma lista das árvores a serem vistas. Quando minhas entrevistas eram publicadas nos jornais de cada país, algumas pessoas entravam em contato comigo e se ofereciam para ajudar. Foi um pouco desse jeito que pude viajar estes cinco anos. Utilizei avião, trem, ônibus, carro, caminhada e bicicleta. Nos Estados Unidos, um amigo chegou a emprestar-me seu avião particular.

**FB – Como é possível identificar a idade de uma árvore e qual a mais antiga do mundo? Você já conseguiu fotografá-la?**

**JH** – Para identificar a idade de uma árvore, seria necessário em primeiro lugar poder contar suas curvas anuais. Isso se chama dendrologia. Porém, raras são as árvores antigas cujos troncos ainda estão inteiros. Muitas vezes, é mais uma estimativa do que a idade exata. Para certas árvores, podemos também utilizar o carbono 14. Esse foi o método usado no pinheiro Huons [*Lagarostrobos franklinii*] da Tasmânia, que tem a particularidade

de possuir uma madeira que não apodrece. Graças ao carbono 14, mais de 10.500 anos foram calculados, fornecendo a idade do sistema de raízes. Os troncos foram datados em cerca de 1.200 anos. Pude ver e fotografar esse espécime, que se espalha por mais de 500 m<sup>2</sup>.

**FB – Além da França, em quantas localidades você já esteve fotografando antigas árvores? Desses lugares visitados, em quais a população e o governo têm menor ou maior consciência da importância desses espécimes?**

**JH** – Minha volta ao mundo das árvores veneráveis me fez percorrer muitos quilômetros e conhecer vários países como África do Sul, Alemanha, Austrália, Chile, China, Índia, Japão, Madagascar, México, Suíça e Quênia. Entre outros lugares, fui à Sicília, na Itália, onde vive o castanheiro dos Cem Cavalos, depois fui até o Canadá, onde pude, sobretudo, contemplar as florestas pluviais da Colúmbia Britânica, berço das esplêndidas Thuja Plicata (cedros vermelhos do oeste), que medem cerca de 18 metros de circunferência. As florestas pluviais têm um rico ecossistema, no entanto, como acontece na Amazônia, são dizimadas, destruídas – milhares de hectares são cortados e transformados em papel e madeira.

No México, fotografei a árvore mais grossa do planeta: a Tule [*Taxodium mucronatum*], que mede nada menos do que 45 metros de circunferência e talvez tenha 3 mil anos. O Chile possui magníficas florestas pluviais, comparáveis às da Tasmânia e da África do Sul. Atualmente, 90% dessas florestas já foram destruídas. E as da Tasmânia também vão de mal a pior. Os

serviços florestais e o governo não as protegem suficientemente. Mais de 30 mil hectares de floresta são abatidos a cada ano.

**FB – Você falou de países que pouco protegem suas antigas árvores. Quais os exemplos positivos?**

**JH** – Na Alemanha, as árvores antigas são recenseadas e protegidas. Além disso, os espécimes são identificados com placas que trazem o nome e a idade de cada uma. Na Bélgica, os exemplares foram recenseados e alguns deles, protegidos. A Suíça, graças às leis federais, soube proteger suas centenárias ou milenares árvores. Assim que elas atingem mais de 30 cm, fica proibido cortá-las ou danificá-las. O que significa que, na Suíça, de todas as maneiras, não é necessário classificar ou decretar o tombamento das velhas árvores – elas já estão protegidas automaticamente.

**FB – Que histórias interessantes você pôde vivenciar durante suas andanças pelo mundo?**

**JH** – As árvores japonesas, indianas, chinesas muitas vezes são sagradas e protegidas. No Japão, por exemplo, são classificadas como “tesouros vivos”. Na China, perto de Xanghai, o corte de certas árvores é proibido. Se alguém fizer isso, terá que pagar uma multa de 60 mil euros. As árvores também são sagradas na África ou, em todo caso, eram, antes da chegada dos colonizadores, com suas diferentes religiões. Na África do Sul, podemos



(Da esq. p/ a dir.)  
Castanheiro de Kamour (Japão) e Sequóia Gigante, do King Canyon National Park, Califórnia



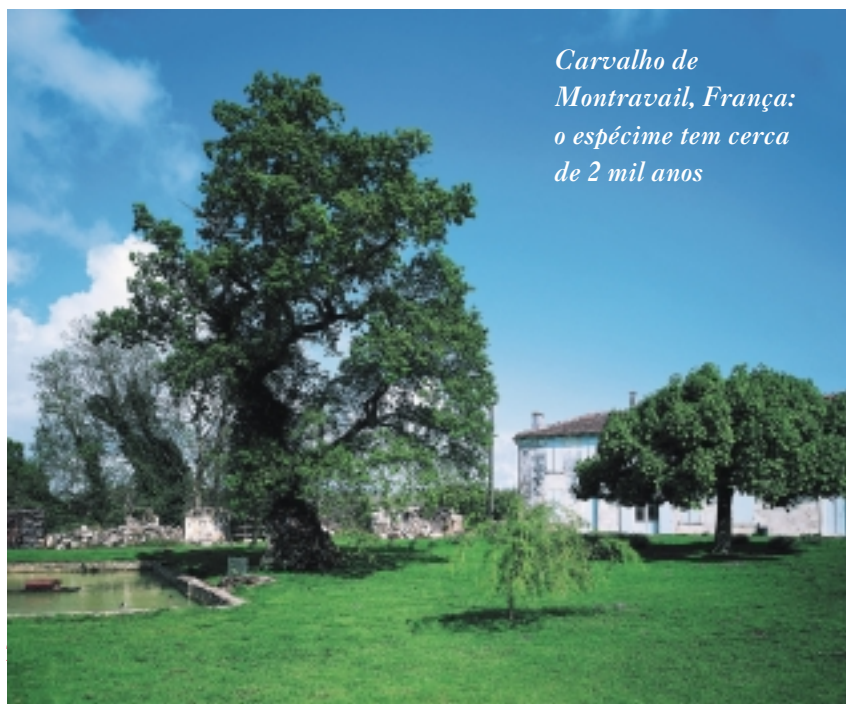
admirar o maior baobá do mundo, o de Sagole, no Limpopo. Mede nada menos do que 38 metros de circunferência. Já no Senegal, fotografei o baobá de Diass, debaixo do qual fotografei 200 crianças e reuni mais de 400 pessoas. A finalidade: pedir que essa árvore seja classificada como Patrimônio Natural Mundial.

**FB – Em que regiões da França encontram-se as árvores mais antigas e o que o governo e os ecologistas têm feito para preservá-las?**

**JH** – No que se refere ao meu país, a França, é verdade que as árvores poderiam ocupar um lugar mais importante. Não é raro ver espécimes históricos, não só nas praças das cidadezinhas, mas também no campo ou em propriedades particulares. Pode-se afirmar que, as-

sim como na maioria dos países, quando interesses econômicos estão em jogo, o meio ambiente é deixado para trás. Por causa desta lentidão para se proteger as árvores, foi criado um movimento de jovens, chamados de “zekos” ou ainda de “ecocidadãos”. São pessoas que se instalam na copa das árvores e ali constroem cabanas, estendem tirolesas, amarram redes de dormir etc. Mesmo que não consigam proteger permanentemente as velhas árvores, pelos menos, sensibilizam as pessoas e fazem com que aqueles que querem danificar o meio ambiente sejam obrigados a gastar muito dinheiro.

**FB – No Brasil, várias árvores centenárias são derrubadas por minuto na Floresta Amazônica**



Carvalho de Montravail, França: o espécime tem cerca de 2 mil anos

*Baobá Sagole  
(África do Sul):  
considerado o  
maior exemplar  
do espécime  
do mundo e  
castanheiro  
francês, da região  
do Vale do Loire*



**por motivos econômicos. Como você acha possível conscientizar as pessoas sobre a preservação do meio ambiente, quando o assunto esbarra em questões sociais?**

**JH** – Fica difícil para mim responder à sua pergunta com precisão, pois nunca fui ao Brasil. Claro, li e vi reportagens sobre o desmatamento, sobre a pobreza e ouvi falar da corrupção florestal, mas esta última também existe na França, fique tranqüila. Estive na África e na Ásia e, lá também, a pobreza é de assustar e as florestas desaparecem, pois, em geral, os povos utilizam a madeira para cozinhar, fazer carvão e aquecer-se. Na África do Sul, a Associação Food and Trees for Africa, dirigida por Jeunesse Park, planta árvores frutíferas perto das casas de pessoas carentes. Quando essas árvores crescem, dão frutas e sombra, além de adubo natural para as hortas.

**FB – Quanto tempo você costuma ficar fotografando em um país?**

**JH** – No que se refere ao meu livro, eu deveria tê-lo realizado após um ano de viagens, mas acabou levando cerca de cinco anos. Nunca sei quanto tempo vou ficar em um lugar, ape-


nas o visto de entrada pode impor seus limites. Na China, por exemplo, os contatos só são feitos quando já se está no país. Você pode enviar quantos e-mails quiser aos botânicos e às autoridades, mas raras são as respostas.

**FB – Durante todos esses anos você deve ter produzido mais de um milhão de imagens. Quais as preferidas?**

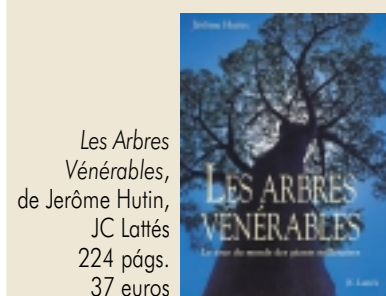
**JH** – Poderíamos dizer dezenas de milhares de imagens, muitas das quais jamais mostrei nem publiquei. No que se refere às árvores antigas, não posso calcular. Fiz uma lista das 30 árvores que mereceriam constar na lista do Patrimônio Natural Mundial, entre elas estão o pinheiro Huon, com mais de 10 mil anos, localizado na Tasmânia; o Kauri Tane Mahuta, da Nova Zelândia, e o Carvalho de Charleville, da Irlanda [*a lista pode ser encontrada no site <http://arbresvenerables.fr.st>*].

**FB – No ano passado, você lançou na França o livro *Les Arbres Vénérables*. Quais são seus novos projetos?**

**JH** – Hoje estou totalmente inte-

grado à militância ecológica. Além das árvores, me dedicarei aos cogumelos *Mycena interrupta*, da Tasmânia, similares a pequenos olhos azuis de um centímetro de diâmetro. Pretendo também montar uma exposição de fotos de 30 árvores, em tamanho real, em locais nobres de Paris. Além disso, com o apoio da Unesco e da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), gostaria de formar um comitê internacional para que as árvores antigas fossem classificadas como “monumentos nacionais naturais”. Sou um otimista em relação à força da natureza. Para mim, a floresta é mais forte do que o cimento. 

## PARA SABER MAIS



Les Arbres  
Vénérables,  
de Jérôme Hutin,  
JC Lattés  
224 pág.  
37 euros